

CENTRO DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (CEJA): UM ESPAÇO DE INCLUSÃO¹

SANTOS, Josivaldo Constantino dos²

RESUMO: Este texto tem como objetivo apresentar o Centro de Educação de Jovens e Adultos (CEJA) “Benedito Sant’Ana da Silva Freire” do município de Sinop – MT como um ambiente acolhedor e inclusivo. Esta constatação se deu por ocasião de minha pesquisa de doutorado nesta escola no período de 2011 a 2013 com o tema: “A Cultura do Medo no Cotidiano da Escola – afetos, acolhimentos, violências, sofrimentos, como manifestações de um querer-viver societal”. O texto mostra por meio de depoimentos de professores e alunos expressos em versos de cordel produzidos nas Oficinas de Literatura de Cordel por mim ministradas durante o período de pesquisa e também via entrevistas, que mesmo a escola sendo estigmatizada como uma escola violenta, devido a acontecimentos dessa natureza que a envolveu desde o período de sua criação (2009), as ações ali desenvolvidas sempre foram de superação da violência e afirmação de sua função inclusiva. O projeto Político Pedagógico da escola pautado pela relação dialógica característica basilar da pedagogia freireana é a base de apoio da docência e gestão do CEJA. A organização estética do prédio que proporciona uma sensação de acolhimento e bem estar, bem como a inserção de alunos em projetos artísticos, culturais e científicos em parcerias com universidades se caracterizam como processos de inclusão dos estudantes que convivem neste ambiente educativo.

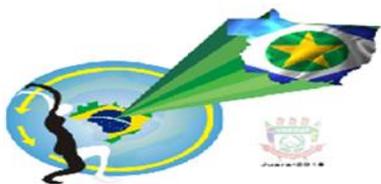
Palavras-Chave: Educação Inclusiva. Diálogo. Docência. Discência. CEJA.

INTRODUÇÃO

O presente texto trata especificamente sobre o Centro de Educação de Jovens e Adultos (CEJA), da cidade de Sinop – MT, apresentando-o como uma escola necessariamente inclusiva. O texto inicia caracterizando a Educação de Jovens e Adultos (EJA) como uma modalidade de educação inclusiva e, por ser inclusiva vai além de uma simples educação

¹ As reflexões que ora apresento neste texto, estão voltadas ao Centro de Educação de Jovens e Adultos (CEJA “Benedito Sant’Ana Freire), do município de Sinop no estado de Mato Grosso com uma população de 113. 082 pessoas, sendo a população urbana de 93. 735 pessoas, conforme primeiros resultados do Censo 2010 (IBGE, 2011). A cidade de Sinop está localizada na região norte do Estado, a 500 km da capital Cuiabá e conta com 13 escolas estaduais, 17 escolas municipais e 09 escolas particulares.

² Graduado em Filosofia pela Universidade Católica dom Bosco - UCDB Campo Grande MS, Especialista em Filosofia Contemporânea pela Pontifícia Universidade Católica da Belo Horizonte PUC – MG, Mestre e Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Professor de Filosofia da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT Campus de Sinop. Email: josicultura@unemat.br



reparadora e compensatória de um tempo perdido. Neste sentido, deve preparar o educando para a conquista de sua cidadania.

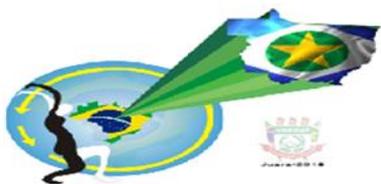
Sigo justificando que a escolha do CEJA como tema do texto se deu devido à pesquisa de doutorado por mim realizada nessa escola até então estigmatizada pela imprensa e sociedade local como uma escola violenta a partir do ano de 2009. Mesmo envolto por ventos violentos que sacudiam sua estrutura humana, o CEJA sempre se manteve acolhedor, uma vez que os profissionais que lá atuam se mantiveram perseverantes na árdua tarefa de realizar os objetivos de inclusão propostos no Projeto Político Pedagógico da escola.

É apresentada também a estrutura física do CEJA (descrições e fotos), com a intenção de mostrar que tal estrutura, mesmo antiga, passou por ampliações na construção e modificações estéticas no sentido de tornar o ambiente mais acolhedor e aconchegante, facilitando assim as atividades e atitudes inclusivas. O texto termina analisando depoimentos de alunos e professores que caracterizam o CEJA como uma escola que pauta-se pela inclusão, apesar das dificuldades que encontra na gestão e no fazer pedagógico cotidiano.

CARACTERIZANDO A EJA

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) se caracteriza como uma modalidade de educação inclusiva, ou seja, que tem a preocupação e o objetivo de proporcionar condições para que o jovem e o adulto que por uma infinidade de motivos (dentre eles, o ingresso precoce no mundo do trabalho) se evadiram da escola ou até mesmo não chegaram a frequentá-la, possam a ela retornar ou adentrá-la pela primeira vez, e usufruírem dos inúmeros benefícios que ela pode lhes proporcionar.

Para tanto, é preciso superar o entendimento de que esta modalidade de ensino é apenas um instrumento reparador e repositor de uma escolaridade perdida. ‘Recuperar o tempo perdido’ não é a função por excelência da Educação de Jovens e Adultos, e sim, permitir o acesso aos conhecimentos produzidos, inserindo-os nas tecnologias, afim de que obtenham não somente melhores condições salarias, mas a concretização da cidadania (SIQUEIRA e CARVALHO, 2014).



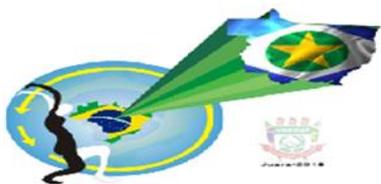
Neste sentido, e frente aos desafios da sociedade do conhecimento, característica de nossa sociedade atual,

[...] a Educação de Jovens e Adultos, tem que deixar de ser entendida como ideia de compensação e filantropia, assumindo o seu lugar legalmente constituído pela lei 9394/96, legitimada pelo parecer nº 11/2000 (CEB), e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a EJA, dividindo legalmente, com a Educação Infantil, o Ensino Fundamental e o Médio, o espaço da educação oficial que lhe é garantido por lei, tendo assim uma concepção própria e específica de educação (CASTRO, 2004, p. 81).

Este reconhecimento da Educação de Jovens e Adultos enquanto possuidora de uma concepção própria e específica de educação que nos fala Castro (2004) é o princípio da cidadania. A cidadania a que me refiro não é uma cidadania tutelada, de segunda categoria, a cidadania pensada pela burguesia e outorgada de maneira controlada e a porções de migalhas aos trabalhadores. Refiro-me a uma cidadania conquistada, que liberta da passividade e da exclusão.

Deixar claro, a que cidadania me refiro, é importante, visto que no percurso de nossa história e de um modo especial na história da sociedade brasileira fica perceptível que “[...] apenas merece ser considerado cidadão, constituinte da república, quem for honesto, decente, letrado, educado, ordeiro ou quem for homem de posses e negócios” (ARROYO, 1987, p. 43-44). Esta é uma compreensão segregativa e excludente de cidadania. Ao incluir e capacitar para o pleno exercício da cidadania é que a Educação de Jovens e adultos supera a mera recuperação do tempo perdido.

Esta atitude de uma escola inclusiva é o princípio da garantia de uma educação para todos e da inserção social dos cidadãos, estudantes trabalhadores jovens e adultos. Além de garantir uma educação para todos e inseri-los socialmente, “incluir esses sujeitos em processos educativos para que possam alfabetizar-se, bem como avançar em sua escolarização é uma exigência ética, uma atitude politicamente correta e decente” (BOFF, 2004, p. 126). É nesse sentido que o Centro de Educação de Jovens e Adultos (CEJA) como aglutinador da Educação de Jovens e Adultos (EJA) torna-se uma escola necessária, possível e construtora de cidadania.



POR QUE O CEJA?

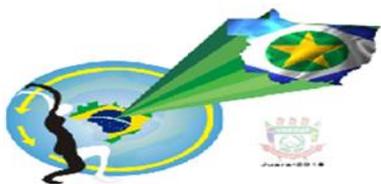
Compreendendo que a escola agrega todas as manifestações da cotidianidade, as diferenças individuais, e de certa forma essas diferenças se harmonizam entre si solidificandose num corpo coletivo e plural, estruturando-se em potência, mergulhei no cotidiano do Centro de Educação de Jovens e Adultos, (CEJA) “Benedito Sant’Ana da Silva Freire”, para conviver, observar de perto as “efervescências” do dia a dia de seus participantes, e, de um modo especial e peculiar, os alunos apontados como protagonistas da violência em seu interior³. Procurei como propõe Bedin (2006, p. 29): “estabelecer relações, vínculos, parcerias, ganhar confiança, participar da vida da escola”.

Das treze escolas públicas estaduais da zona urbana do município de Sinop, o CEJA a partir de 2009 vinha destacando-se na mídia e na opinião pública, como uma das escolas que mais apresentava situações caracterizadas como violentas. No primeiro contato com a escola, a direção e a coordenação pedagógica justificaram o alto índice de ocorrência de violência, devido a todas as escolas públicas estaduais da cidade enviar seus alunos a partir de quinze anos, para o CEJA, como uma forma de suprir a defasagem idade/série. Ou seja, todo o ensino supletivo da rede pública estadual passou a se concentrar nessa escola.

As primeiras informações recebidas antes de optar oficialmente por desenvolver minha pesquisa de doutorado no CEJA, é que devido à disseminação da violência nas escolas públicas estaduais do município de Sinop foi realizada uma parceria entre as escolas da rede estadual e a polícia militar no combate à violência nas escolas. A polícia se fazia presente na confecção dos B.Os (Boletins de Ocorrência), no patrulhamento (Ronda Escolar) com viatura específica e nas interferências nas escolas quando solicitada. Segundo funcionários do CEJA, a polícia militar adentrava no pátio da escola de arma em punho para retirar alguns alunos quando a situação estava incontrolável, ou até mesmo quando desconfiava que algum jovem procurado, podia estar na escola (SANTOS, 2014).

Foram vários os relatos ouvidos em uma hora e dez minutos que fiquei na escola pela primeira vez em 29/07/2011. Relatos sobre a ameaça que o diretor sofreu de levar um tiro na cabeça por solicitar que um aluno se retirasse da escola e, da professora que foi afastada com

³ A violência, porém, não será o foco neste texto.



medo também de ameaças de alunos. Essas e outras situações relatadas, somadas às notícias policiais envolvendo a escola serviram como critérios para a escolha desta escola como cenário de minha pesquisa. Foi no decorrer do período de pesquisa nesta escola entre julho de 2011 e dezembro de 2013 que minha convivência com os sujeitos que a constituem, me levaram a perceber a função de escola inclusiva que este centro exerce de fato. Um ambiente envolto por violências internas e externas, mas que, mantém a ternura e o afeto traduzidos em acolhimento e inclusão. Tudo isso foi captado na maneira como as pessoas que fazem o CEJA agem diante de toda adversidade. Não é sobre as violências que me deterei neste texto, e sim, sobre a dimensão inclusiva do CEJA.

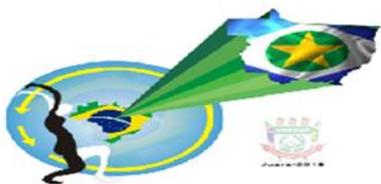
O CEJA “BENEDITO SANT’ANA DA SILVA FREIRE”

O Centro de Educação de Jovens e Adultos “Benedito Sant’Ana da Silva Freire” (CEJA) foi criado pelo Decreto 1.874, e publicado no Diário Oficial do Estado nº 25.045 no dia 25 de março de 2009. Oferece cursos e exames supletivos (Ensino Fundamental: 2º Segmento – 1º ano, 2º ano e 3ª fase (terminalidade), e Ensino Médio – 1º e 2º ano e 3ª fase (terminalidade). Ambos os níveis de ensino são presenciais e por disciplinas, Exame supletivo *online* por Área de Conhecimento e por Disciplina), na modalidade de Educação de Jovens e Adultos – EJA. O turno de funcionamento é matutino, vespertino e noturno.

O nome do Centro de Educação de Jovens e Adultos (CEJA) de Sinop, é uma homenagem ao poeta, jornalista, advogado e dirigente cultural matogrossense, Benedito Sant’Ana da Silva Freire, nascido a 20 de setembro de 1928 e falecido em 11 de agosto de 1991. Silva Freire foi professor da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT e ocupou a 38ª cadeira da Academia Matogrossense de Letras (AML). Sua poesia e atuação como advogado o levou à prisão pela ditadura militar e o fez reconhecido como uma personalidade intelectual de Mato Grosso⁴.

O Projeto Político Pedagógico do CEJA o define como uma escola dialógica e inclusiva pautada pelos princípios do educador Paulo Freire. O quarto, dos quatro eixos norteadores que sustentam a matriz curricular do CEJA, aponta para essa direção.

⁴Informação obtida no site <http://www.cejasilvafreire.com.br>



Neste eixo o Centro de Educação de Jovens e Adultos “Benedito Sant’Ana da Silva Freire” incorpora o ideário freireano de educação dialógica. *Partindo do* planejamento das aulas teóricas, oficinas pedagógicas e culturais, objetivando estabelecer diálogos com os saberes presentes nas experiências dos educandos, nas suas culturas de origem, bem como em alternativas curriculares cotidianamente desenvolvidas pelos professores e alunos em cada área de conhecimento. Esse diálogo é quem vai favorecer a apropriação dos conteúdos com atribuição efetiva de significado a eles, o que pode levar o educando a compreender os conhecimentos formais como instrumentos necessários à vida profissional e também à vida cidadã crítica e consciente, como produto do trabalho humano, material e intelectual. (CEJA, 2012, p. 13-14).

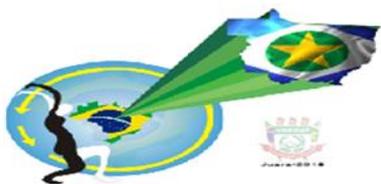
Essa dialogicidade contida no Projeto Político Pedagógico do CEJA objetiva “[...] um processo de inclusão concedida pela instituição escolar a fim de integrar todos os educandos com as mesmas condições de aprendizagem” (CEJA, 2012, p. 10).

Aqui está a *via crucis* da docência no CEJA: a complexa função de integrar diferentes educandos, com seus distintos interesses, distintas fases etárias (jovens e adultos) e diferentes maturidades nas mesmas condições de aprendizagem. Essa perspectiva, registrada no Projeto Político Pedagógico da escola e executada às duras penas no cotidiano da docência, é que a faz uma escola inclusiva.



Fonte: SANTOS, Josivaldo C. dos, 2011.

Figura 1: Fachada da escola.



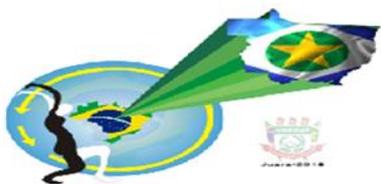
O prédio da escola é uma construção antiga, com estrutura de concreto armado, paredes em alvenaria com tijolos cerâmicos a vista. É coberto com telha fibrocimento, cerâmica e pisos em grani lite.

Foi inaugurado em 14 de setembro de 1986 e até o ano de 2009, abrigava a Escola Estadual Osvaldo Paula. O prédio nunca passou por uma reforma, entretanto, encontra-se em bom estado de conservação. A partir da criação do CEJA, a estrutura física passou por alteração e ampliação, tais como salas, pátio coberto, a construção do laboratório de informática e um banheiro para a cozinha.

O terreno possui uma área de 10.232,32m² dos quais, 2.217, 20m² são de área construída. Atualmente o CEJA consta com os seguintes ambientes:

- Dez salas de aula com mobiliário em bom estado de conservação e com ventiladores de teto;
- Duas salas de informática;
- Uma sala de recurso multifuncional, climatizada, para atendimento a alunos especiais;
- Uma sala de vídeo, confortável e climatizada;
- Uma sala específica para Exame Supletivo,
- Uma sala para a coordenação (climatizada);
- Uma sala para a direção (climatizada);
- Uma secretaria (climatizada);
- Uma biblioteca (climatizada);
- Uma sala dos professores com ventilador;
- Duas cozinhas;
- Uma despensa;
- Dois banheiros (um masculino e outro feminino);
- Dois banheiros para Portadores de Necessidades Especiais (PNE), masculino e feminino;
- Uma cantina;
- Uma quadra coberta de 858,00m²;
- Uma quadra de cimento descoberta;
- Uma quadra de areia.

A escola está localizada no centro da cidade e, portanto, bem distante dos bairros. A acessibilidade é muito boa, visto que todas as ruas e as duas avenidas ao seu redor são



asfaltadas e iluminadas. Pelo fato de ficar distante dos bairros, grande parte dos alunos utiliza os ônibus escolares da Prefeitura, e os demais, utilizam bicicletas e motos.

A escola é cercada por um muro de arame liso e cada parte do muro é reservada para a divulgação de empresas, o que ajuda na arrecadação de verba para a manutenção do pátio externo que é de chão batido e que sempre alaga no período chuvoso e faz muita poeira no período de seca⁵. É no fundo desse pátio que os veículos dos professores e demais servidores da escola ficam estacionados.



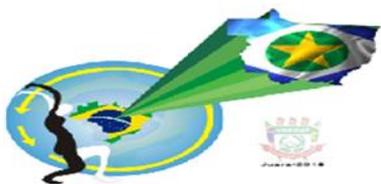
Fonte: SANTOS, Josivaldo C. dos, 2011.

Figura 2: Cercas da escola exibindo propagandas de empresas para angariar recursos.

O portão está sempre aberto, porém, nos períodos matutino e vespertino, há sempre uma senhora que fica no portão e no período noturno, um senhor.

O prédio, apesar de antigo é muito bem cuidado, sua fachada foi recentemente pintada e colocado enormes vasos com flores na entrada, o que causa uma sensação de bem estar e acolhimento. Ao passar pelo portão, à esquerda há o estacionamento para motos e bicicletas dos alunos (de chão batido e descoberto), à direita um jardim gramado e logo à frente o pátio interno, muito bem cuidado, com mesas e cadeiras novas e dois grandes ventiladores e

⁵ Agora em 2015 o pátio externo está sendo asfaltado.



umidificadores de ar que são sempre ligados nos momentos em que os alunos estão no pátio. Ao lado do pátio estão algumas salas de aulas, a direção, a coordenação, a secretaria, a biblioteca e a sala de recursos. Cada sala da escola é identificada por um nome de educador ou escritor. A sala da coordenação é a sala Paulo Freire, a biblioteca é a sala Mário Quintana, a sala dos professores é a sala Mário de Andrade etc.

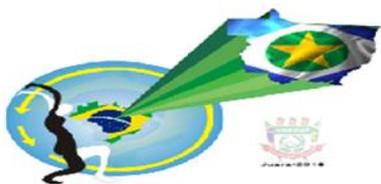
A cozinha é muito higiênica, toda revestida de cerâmica no piso e nas paredes, painéis e caldeirões muito limpos e as senhoras que lá trabalham, todas usam tocas na cabeça e luvas para preparar e servir as refeições. As refeições são compostas de arroz, feijão, macarrão, carnes, legumes, verduras, sucos e outras variedades no cardápio. Além dos alunos, os professores e demais funcionários podem fazer suas refeições na escola. A limpeza está presente em todos os espaços da escola.



Fonte: SANTOS, Josivaldo C. dos, 2011.

Figura 3: Interior da cozinha.

No ano de 2011, início da pesquisa, a escola contava com 2396 alunos distribuídos em três turnos: 408 alunos no turno matutino, 334 alunos no turno vespertino e no período noturno, 1654 alunos. Contava com 94 professores, sendo 05 na gestão, 31 na área de Linguagem, 28 na área de Ciências Humanas e 30 na área de Ciências naturais. 54 era o



número do pessoal técnico e de apoio, totalizando, 148 profissionais a serviço de uma educação inclusiva no CEJA.

Descrever o espaço físico do CEJA foi importante, pois mostrou que mesmo em um prédio de construção antiga (29 anos), as modificações realizadas possibilitaram um ambiente acolhedor e propício à inclusão dos que frequentam esse Centro. Mais que um espaço físico aconchegante e acolhedor, os profissionais da educação que lá se encontram (professores, técnicos administrativos, equipe de apoio: porteiro, zeladoras, merendeiras), em sua grande maioria, refletem esse espírito acolhedor e inclusivo do CEJA.

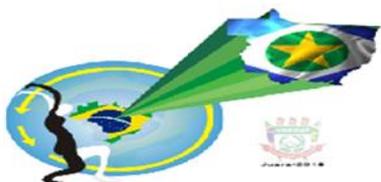
ATITUDES QUE EXPRESSAM ACOLHIMENTO E INCLUSÃO NO CEJA

Em uma das Oficinas de Literatura de Cordel ministrada na escola como um dos procedimentos metodológicos da pesquisa, cujo tema era “CEJA: A Minha Escola”, uma das professoras de Literatura do 2º ano B do Ensino Médio (vespertino/2012) assim se expressou poeticamente.

Muitas coisas vem à mente,
Mas não posso recitar,
Devo dizer: sou contente,
De nessa escola trabalhar,
Tenho sempre em meu trabalho,
Força, coragem, dedicação,
E nos alunos, inesgotável fonte,
De toda inspiração (In: SANTOS, 2014a, p. 154).

É possível ler na poesia da professora que são nos alunos que a docência dessa escola encontra “inesgotável fonte de toda inspiração”. O conteúdo dessa estrofe em oitavas, o compreendo como uma representação do que os professores em sua grande maioria sentem por essa escola e por seus alunos.

O trabalho dessa professora que revela “força, coragem, dedicação”, é reconhecido e decantado em versos por uma de suas alunas, uma senhora de 41 anos do 2º ano B do Ensino Médio (vespertino/2012) que durante a Oficina de Literatura de Cordel afirma que a professora ao lhe fazer gostar da escola, lhe mostrou que a partir do CEJA ela pode ser alguém e por isso sente pressa, vontade de aprender.



Essa minha professora⁶,
Me fez gostar da escola,
E me mostrou que aqui,
Posso ser alguém agora⁷,
Tenho pressa de aprender,
Agradeço a ela agora (In: SANTOS, 2014a, p. 154-155).

Em uma das oficinas realizadas no 2º ano B do Ensino Fundamental matutino (em 11/04/2012) com o tema: CEJA: A minha escola, um aluno de 24 anos assim se expressa sobre suas projeções profissionais.

Eu vim estudar no CEJA,
Pensando além da Educação,
Vou fazer uma Faculdade,
Com interesse e dedicação,
Me tornar um profissional,
Em importação e exportação (In: SANTOS, 2014a, p. 165-166).

Outra aluna de 34 anos do 1º ano H do Ensino Fundamental (em 17/10/2012) muito entusiasmada com os estudos falou poeticamente (sextilha)⁸ sobre seus planos para o futuro.

Tenho trinta e quatro anos,
E voltei a estudar,
O CEJA me abriu as portas,
E tudo pra mim vai mudar,
Quero ser uma enfermeira,
Para os outros ajudar (In: SANTOS, 2014a, p. 166).

Houve ainda estrofes poéticas em oitavas⁹ que enfatizaram muito bem o CEJA como escola inclusiva, como é o caso deste estudante de 37 anos do 2º ano B do Ensino Fundamental matutino (em 04/04/2012) autor da poesia e que tem sérios problemas com a polícia.

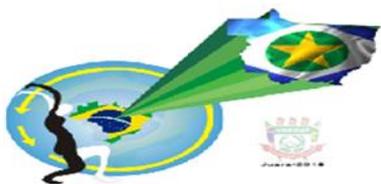
Aqui na escola CEJA,
Agora vim estudar,
O CEJA é a única escola,
Que resolveu me aceitar,
Minha história é muito grande,
Prá em poucos versos contar,
Tenho pobrema na poliça,

⁶ A aluna havia colocado o nome da professora. O verso era: *A professora (nome)*. Mudei para: *essa minha professora*.

⁷ A partir daqui, todos os trechos em negrito nas estrofes poéticas dos alunos, são grifos meus para reforçar a função inclusiva do CEJA.

⁸ Estrofe de seis versos na Literatura de Cordel.

⁹ Estrofe de oito versos na Literatura de Cordel.



E aqui não posso falá (In: SANTOS, 2014a, p. 166).

É perceptível também, a valorização da inclusão e, portanto, da dimensão humana da docência e gestão escolar presentes na fala e nas ações pedagógicas do professor Girassol¹⁰ (53 anos) e diretor da escola.

[...] quando você fala numa escola inclusiva..., eu acho que todos esses meios que você usa pra tentar trazer esse aluno pra você..., ele leva a esse fim... Então só o trabalho de escola inclusiva que está posto dentro do PPP já faz valer essa proximidade..., esse quebrar essa resistência dos alunos. Só isso já faz valer. Há necessidade de nós trabalharmos..., de uma forma assim a mostrar que existe um afeto que sempre deve ser desenvolvido aqui dentro da escola..., de aceitação tanto desse senhorzinho de cinquenta e tantos anos que vem pra escola, quanto do adolescente problemático que vem aos quatorze anos... (SANTOS, 2014a, p. 151).

E continua o diretor Girassol¹¹ a afirmar o seu compromisso e o compromisso do CEJA com a inclusão dos jovens e Adultos.

[...] você fazer educação na base do ferro e fogo não dá, tem que ter afeto, tem que ter muito carinho! [...] às vezes eu procuro deixar algumas pessoas meio à margem porque eles costumam ver esses alunos tidos como problemáticos, como alunos fora do processo de vez! Querem que sejam colocados fora [...] e educação você não faz desse jeito. Uma escola nesse porte nosso aqui, que trabalha inclusão a gente não pode estar pensando em uma coisa desta (SANTOS, 2014a, p. 159).

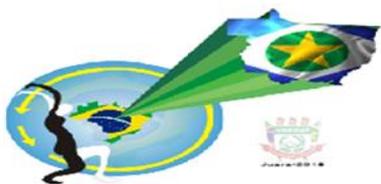
Essa demonstração de afeto, de aceitação sem distinção, de acolhimento, de cuidado, de pré-ocupação com as vidas em formação, enfatiza a dimensão afetiva como condição no processo educativo. Tudo isso é sinônimo de inclusão.

CEJA: UMA ESCOLA QUE ACOLHE (CONCLUINDO A REFLEXÃO)

Uma das mostrações¹² da pesquisa foi que desde o período de sua criação, o CEJA é palco de violências migratórias que lá se instalaram por intermédio dos grupos juvenis que

¹⁰ Girassol é nome fictício. Durante a pesquisa, trabalhei com metáforas e analogias na descrição do espaço escolar e de seus sujeitos: a escola é vista como um jardim, os professores como flores e os alunos como pássaros.

¹¹ Ele foi reeleito no final de 2011 para mais um mandato de dois anos.



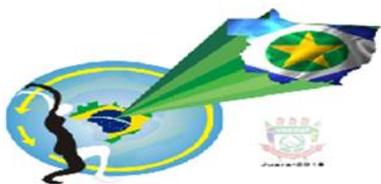
vieram dos “quatro cantos” do município em busca de “[...] elevação da escolaridade e condições para continuidade dos estudos”, bem como, “incorporar-se no mundo do trabalho com melhores condições de desempenho [...]” (CEJA, 2012, p. 09).

Mesmo com este belo propósito contido em seu Projeto Político Pedagógico e com todo o evidente esforço que gestores, professores, técnicos administrativos e pessoal de apoio fazem para a concretização do mesmo, ventos violentos sopraram no rumo dessa escola e levaram para seu interior jovens inseridos em gangues, usando e traficando drogas, portando armas brancas e de fogo, agredindo verbal e fisicamente professores e outros jovens alunos do CEJA e de outras escolas, provocando o medo e a insegurança. Muitos desses jovens alunos passaram a aparecer na imprensa local após terem sido pegos pela polícia com drogas e envolvidos em roubos, furtos e assaltos pela cidade. Os professores passaram a viver em um clima de medo e, de insegurança.

No período de 2009 a 2010, a escola passou a ser o foco da atenção da imprensa local que estava sempre à espreita por uma notícia de violência envolvendo alguns dos seus alunos. As conversas informais que mantive com muitas pessoas fora da escola, mostraram que a imprensa contribuiu para criar no inconsciente coletivo a “fama” do CEJA como uma escola violenta, como, por exemplo, a brincadeira que ouvi com a sigla da escola: “SEJA o que Deus quiser”.

Apesar das violências externas que se alojaram na escola (macro violências), apesar da turbulência na vida diária com as violências internas e externas, e com os saberes, essa escola não sucumbiu a nenhuma manifestação da violência. Seus profissionais se reúnem periodicamente para juntos refletirem e se aprofundarem em temas relevantes que aprimoram a formação continuada e em serviço. Em parceria com as universidades a escola investe na formação intelectual e humana e abre suas portas para os estágios e pesquisas acadêmicas. A soma dos esforços entre professores e alunos da escola, professores universitários e

¹² O valor da mostraçõa consiste em não modificar aquilo que é apreendido, simplesmente deixar “ser”, ao contrário da demonstraçõa que “em seu sentido etimolõgico, o ‘demonstrator’ é o denunciador. A denúncia estã prõxima do ressentimento [...]” (MAFFESOLI, 2007, p. 214).



acadêmicos sempre resulta em belos projetos e publicações de livros com os resultados desses projetos.

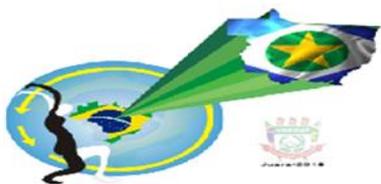
Entre ameaças e boletins de ocorrência o CEJA não perdeu a sua magia de escola inclusiva e negando esse falso “status” de escola violenta, envolve seus alunos constantemente em eventos internos tais como: apresentações teatrais, festivais de música, desfiles de moda, desfiles de beleza (masculino e feminino), comemorações no dia da consciência negra (com muito samba e feijoada), festa junina, comemorações do dia das mães, do dia das mulheres e tantas outras atividades lúdicas que tornam a escola, cada vez mais “um lugar de expansão e acolhimento da vida” (MORAES, 2011, p. 129).

Uma das mais expressivas atividades de valorização e inclusão, dentre outras que esta escola desenvolve em parceria com seus alunos, aconteceu no primeiro semestre de 2014 quando 30 alunos e seus professores produziram e lançaram a obra: *Diversidade da Cultura e a Africanidade Brasileira*. Foi um projeto elaborado por várias mãos, várias cabeças, várias inteligências. Um projeto coletivo que expressa um único desejo: afirmar e reafirmar a diversidade cultural e a africanidade brasileiras presentes no ambiente do CEJA. Assim me expressei ao fazer a apresentação do livro:

Em cada página deste projeto ecoa as vozes de professores e alunos por meio de narrativas, poemas e resultados de pesquisas que expressam o que o CEJA realmente é: um espaço de acolhimento das diferenças. [...] Aqui cada aluno exerce o direito de expressar a sua palavra, o seu pensamento, sempre auxiliado por seu professor e professora. [...] O presente projeto é a expressão marcante da inserção do CEJA na valorização da diversidade cultural (SANTOS, 2014b, p. 07-08).

Exercer o direito de expressar a sua palavra e o seu pensamento por intermédio de distintas formas de linguagens é uma das características que revelam a presença da inclusão social.

Enfim, uma escola que passa por situações de violências, mas, uma escola que é criativa, que ensina, que estuda, que aprende, que brinca, que procura novas formas de solidariedade para cumprir com a sua função social de escola acolhedora e inclusiva e que cria sempre “tantas ocasiões para vibrar junto, para exprimir ruidosamente o prazer de estar-junto” (MAFFESOLI, 2006, p. 18). Uma escola que também partilha emoções comuns, pois é uma grande tribo que acolhe uma multiplicidade de micro tribos, onde todos expressam o seu



querer-viver. Superando os medos com criatividade, estudo, alegria e muito diálogo o CEJA já não é a mesma escola que este pesquisador encontrou em 2011 e nem este pesquisador é o mesmo após a convivência com essa escola. A “olhos nus” as violências em seu espaço foram minimizadas tendo em vista as interações humanas que lá se realizam pelos sujeitos que a fazem cotidianamente. O CEJA está processualmente fazendo valer as razões para as quais ele foi criado: um lugar de **Cuidados**

Especiais com

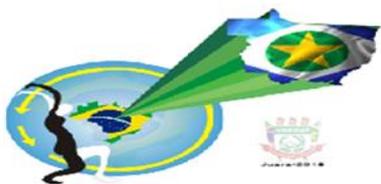
Jovens e

Aultos.

CENTER FOR ADULT AND YOUNG EDUCATION (CEJA): A SPACE OF INCLUSION

Abstract - This text aims to present the “Centro de Educação de Jovens e Adultos” (CEJA) "Benedict Sant'Ana da Silva Freire" in Sinop-MT, as a welcoming and inclusive environment. This took place on the occasion of my doctoral research at this school in the period from 2011 to 2013 with the theme: "The culture of fear in the daily school-affections, impact, violence, sufferings, as manifestations of a want-live societal". The text shows through testimonials from teachers and students through ‘cordel’ verses produced in the Workshops of Cordel Literature for me given during the period of research and also via interviews, that even the school being stigmatized as a violent school due to events of this nature that involved since the period of their creation (2009), there have always been developed actions of overcoming violence and affirmation of your inclusive function. The school Pedagogical political project with Dialogic relationship basilar feature of Freire’s pedagogy is the base of support of the teaching and management of CEJA. The aesthetic of the building organization that provides a feeling of warmth and well-being, placing students in artistic, cultural and scientific projects in partnerships with universities are characterized as processes of inclusion of subject/students who live in this learning environment.

Keywords: Inclusive Education. Dialogue. Teaching. Students. CEJA



REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G. Educação e Exclusão da Cidadania. In: BUFFA, Ester, ARROYO, Miguel G, NOSELLA, Paolo. **Educação e Cidadania: quem educa o cidadão?**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1987. (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo; 23)

BEDIN, Silvio Antônio. **Escola: da magia da criação – as éticas que sustentam a escola pública**. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2006.

BOFF, Leonir Amantino. A Educação de Jovens e Adultos do Campo: elementos para uma educação inclusiva e solidária. In: ZART, Laudemir Luiz. (Org.). **Educação e Sócio-Economia Solidária: paradigmas de conhecimento e de sociedade**. Série Sociedade Solidária. Ano I, vol.1. Cáceres: Unemat Ed, 2004.

CASTRO, Catarina Maria Garcia. Formação de Professores para a Educação de Jovens e Adultos: o papel das faculdades de educação. In: **Revista da Faculdade de Educação/Universidade do Estado e Mato Grosso**. Profissionais da Educação. Coordenação de Maria Izete de Oliveira. Cáceres – MT: FAED/Unemat Editora, 2004. Semestral (Jan-Jun-2004) – ano II nº 2.

CEJA, Centro de Educação de Jovens e Adultos “Benedito Sant’Ana da Silva Freire. **Projeto Político Pedagógico**. Sinop – MT, 2012.

MAFFESOLI, Michel. **O Tempo das Tribos: o declínio do individualismo nas sociedades pós-modernas**. Trad. Maria de Lourdes Menezes; Trad. do anexo e prefácio. Débora de Castro Barros. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. (Ensaio e Teoria).

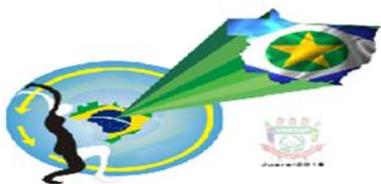
_____. **O Ritmo da Vida: variações sobre o imaginário pós-moderno**. Trad. Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2007b.

MORAES, Marta Corrêa de. Currículo e Violências: interfaces com a escola. In: LEITE, Amanda Maurício Pereira; ROSA, Rogério Machado. (Orgs.). **Educação, Escola e Violências**. Módulo 3. Florianópolis: NUVIC – CED – UFSC, 2011.

SANTOS, Josivaldo Constantino dos. **A Cultura do Medo no Cotidiano da Escola: afetos, acolhimentos, violências, sofrimentos, como manifestações de um querer-viver societal**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, BR – RS, 2014a. (Tese de Doutorado).

_____. Apresentação. In: ARAUJO, Jucilene Oliveira Miranda. (Org.) **Diversidade da Cultura e a Africanidade Brasileira**. Sinop, MT: Edição Independente: Sônia Regina Brembati Weizenmann, 2014b.

SIQUEIRA, Rosiane, CARVALHO, Sandra Pereira de. Percepções de Acadêmicos de Pedagogia sobre a Disciplina Educação de Jovens e Adultos na Formação Docente. In:



**REVISTA DE EDUCAÇÃO DO VALE DO ARINOS – RELVA
POLÍTICAS PÚBLICAS E SUAS DIVERSIDADES**

TRUGILLO, Edneuza Alves, SANTOS, Leandra Inês Seganfredo, CUNHA, Marion Machado. (Orgs.) **Docência no Ensino Superior**: desafios na contemporaneidade. Campinas, SP: Pontes Editores, 2014.

Recebido em: 14/11/2015

Aprovado em: 27/11/2015